

A LINGUAGEM CORPORAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA ¹

Vânia Rodrigues

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar aspectos relacionados à linguagem corporal do professor como elemento facilitador no processo de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira (LE), tais como: a cinésica, a comunicação não-verbal, a paralinguagem e a proxêmica. A partir dos conceitos apresentados, discutiremos a necessidade da conscientização do professor como mantenedor de um monitoramento dos sinais que ele emite aos seus alunos por meio da sua gesticulação em sala de aula, facilitando assim o processo de interação entre eles e o professor de LE.

Palavras-chave: cinésica, comunicação não-verbal, paralinguagem, proxêmica.

Abstract: The goal of this study is to present aspects related to how the teacher's body language facilitates the teaching and learning process of a foreign language. Those aspects comprise: kinesics, non-verbal communication, paralanguage and proxemics. From the concepts presented, we will discuss the teacher's awareness of becoming a monitor of signs sent to his students through gestures as to help the interaction between the teacher and his/her students.

Key-words: Kinesics, non-verbal communication, paralanguage, proxemics.

1 INTRODUÇÃO

Para uma visão geral do que será discutido é importante conceituar a palavra *comunicação*. Para Lyons (1981, p.29), “existem certos conceitos que são mais relevantes para a investigação de todos os sistemas de comunicação”. O autor nos mostra esse sistema falando de seis fatores importantes para que a comunicação aconteça. De acordo com Lyons (1981, p.29) a comunicação é iniciada por:

Um *signal* que deve ser transmitido de um *emissor* (ponto de onde nasce a comunicação) para um *receptor* (ponto para onde é direcionada a comunicação) através de um *canal* de comunicação (meio onde decorre a comunicação). Este sinal terá uma forma que passará um *significado* (ou *mensagem*).

E é a essa ligação estabelecida entre a forma do sinal e o seu significado que Lyons chama de *código*. Este código é a forma pela qual a mensagem é passada pelo emissor e interpretada pelo receptor. Ele pode ser verbal ou não-verbal, e dentro deste contexto não-verbal, partiremos para falar da linguagem que o corpo humano também pode emitir. Esses sinais podem

¹ Esta é uma versão atualizada do trabalho de final de curso da disciplina “Usos e Ensino de LE/L2”, apresentado ao Prof. Dr. Gilberto A Chauvet, no programa de mestrado em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília, em junho de 2006.

ser transmitidos por um emissor através de gestos, expressões faciais, movimentos da cabeça e do olhar, pela postura, entonação de voz etc.

O estudo desses sinais e mensagens que emitimos quando nos comunicamos verbalmente (ou não) é o objeto de estudo da *Paralinguística*. A Paralinguística é um campo interdisciplinar, fazendo parte da Macrolinguística.

A Paralinguística é um campo de estudo muito vasto, pois a linguagem corporal é uma forma muito complexa de interação interpessoal e temos pouca consciência dos benefícios que dela podem advir para o ensino/ aprendizagem de línguas. É por meio desse estudo que poderemos entender melhor os sentimentos, as reações e as emoções dos nossos alunos e, conseqüentemente, sermos capazes de interagir melhor com eles. Assim, estaremos em maior sintonia com as mensagens que emitimos e recebemos em sala de aula, aprimorando a nossa capacidade de transmitir e aprender com os alunos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção apontará as principais discussões teóricas sobre o tema da linguagem corporal no ensino e aprendizagem de línguas.

2.1 A Comunicação (Linguística e a Não-verbal)

A comunicação linguística se utiliza do concurso de gestos e dos movimentos corporais, como os gestos faciais (o movimento das pálpebras, o piscar dos olhos etc.) e as posturas corporais que se unem para constituírem um ato de comunicação. Os “sinais” que emitimos no dia-a-dia durante uma interação transmitem mensagens às quais, muitas vezes, não damos a importância necessária e que podem interferir no nosso relacionamento com outro indivíduo. Quando nos comunicamos verbalmente, toda gesticulação, seja esta facial ou corporal, tem um valor de mensagem. E é nesta observação do sistema de comunicação verbal que podemos perceber características não-verbais nos sinais e nas mensagens de natureza paralinguística.

Argyle (1978) diferencia a comunicação não-verbal no que ele chama de *canais de comunicação* que as pessoas utilizam para expressarem emoções e

personalidades. São eles: o contato físico, a proximidade, a orientação, a aparência, os movimentos da cabeça, as expressões faciais, os gestos, a postura, o movimento dos olhos e o contato visual e por último o que Argyle (1978) chama de “códigos paralinguísticos”.

Segundo Rector e Trinta (1985), alguns autores não utilizam o termo não-verbal por se tratar de um tema bastante abrangente e por estar em oposição ao componente verbal da comunicação humana. Assim sendo, esses autores preferem chamar a comunicação não-verbal de “integração comunicativa cara a cara” ou ainda, “atividade expressiva aquém das palavras”. Ainda de acordo com Rector e Trinta (1985), a paralinguagem é pura comunicação, não só por se ajustar à expressão linguística, mas também pela expressão corporal que transmite um significado ao estado afetivo.

Fast (1999, p.10) chama de *cinesiologia* a linguagem do corpo não-verbalizada, e que esta deve obedecer alguns padrões de comportamento da comunicação não-verbal. Ainda segundo ele, “para entender essa linguagem corporal não-verbalizada, os especialistas em *cinesiologia* precisam levar em consideração diferenças culturais e ambientais”.

O tema em tela está inserido no contexto da abordagem comunicativa para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Para a abordagem comunicativa, ensinar outra língua é propiciar o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, além da competência linguística, por meio de vivências e de situações de uso real nessa nova língua, construindo novos significados na interação com os outros. Nesse sentido, Almeida Filho (2005, p. 80) afirma que “a abordagem comunicativa mantém uma relação estreita com o conceito de competência comunicativa”. De acordo com o autor Brown (2000, p.262), quando falamos de competência comunicativa, um dos aspectos que precisa ser observado é o da comunicação não-verbal. Ele ainda afirma que “durante uma conversa comunicamos tanta informação não-verbal que o aspecto verbal desta se torna, freqüentemente, insignificante”. Widdowson (1991, p.104-105) nos diz que o componente verbal em um discurso falado pode ser tratado isoladamente como forma, mas que este é apenas uma parte de um cenário comunicativo. Em seguida, ele afirma que “a comunicação da modalidade falada não é realizada pelo falar, o qual por definição é puramente verbal, mas pelo dizer, o qual emprega recursos paralinguísticos tais como o

gesto, a expressão facial e assim por diante, que são veiculados por meio visual” (WIDDOWSON, 1991, p.104-105). Como podemos perceber, se acreditamos na prática de uma abordagem que se preocupa com o aluno como “sujeito e agente” no processo de aprendizagem de uma língua, a comunicação não-verbal não pode deixar de ser um elemento de interesse daqueles que estão em sala de aula. Os sinais e mensagens que emitimos quando nos comunicamos verbalmente acabam sendo apontados por alguns autores como forma de comunicação presente em uma interação, seja ela entre o professor e seu aluno, ou ainda, entre dois alunos.

3 A PARALINGUAGEM

Para alguns linguistas, algumas características paralinguísticas estão diretamente ligadas às características vocais, tais como o tom de voz que pode expressar a atitude e o comportamento do locutor durante uma interação. Knapp & Hall (2006, p. 372) definem a paralinguagem como “os mecanismos físicos que produzem os sons e a qualidade vocal não-verbal”². Ainda de acordo com esses autores, outros componentes como a qualidade da voz (a altura do tom de voz, a articulação e o ritmo), aspectos relacionados com a maneira na qual produzimos as palavras (a intensidade, o timbre e a pausa), emissões vocais tais como o bocejo, o choro, o riso, a tosse e o grito juntamente com as secreções vocais comuns tais como “hum” e “ah” (Knapp & Hall, 2006), entre outros, também são responsáveis por essas informações transmitidas durante uma interação.

4 A CINÉSICA (OU CINESIOLOGIA)

De acordo com Richard e Platt (1985, p. 262), o termo cinésica está relacionado com aspectos paralinguísticos tais como o movimento dos olhos (ou da cabeça) e com os gestos corporais que dão significado ao que o locutor está dizendo. Assim sendo, podemos dizer que a cinésica (ou cinesiologia) integra o campo dos movimentos corporais.

² Tradução nossa

Ray L. Birdwhistell (1970), professor da Universidade da Pennsylvania e um dos pioneiros dos estudos da cinésica, concluiu que grande parte da comunicação entre as pessoas acontece em um nível abaixo da consciência. Segundo ele, “apenas 35% do significado social de uma conversa corresponde às palavras pronunciadas, os outros 65% seriam correspondentes aos canais de comunicação não-verbal”. Birdwhistell acredita que o número de sinais informativos que emitimos durante a comunicação com outra pessoa varia de 2.500 a 5.000, podendo chegar até 10.000 “bits” por segundo (apud Weil, 1986). Birdwhistell (apud Weil, 1986, p.20) afirma que:

A comunicação não é um processo formado de um conjunto de expressões individuais em uma seqüência ação-reação. É um sistema de interação com uma estrutura independente do comportamento dos seus. Um ser humano não inventa seu sistema de comunicação... ele já existe há gerações. O homem deve aprendê-lo a fim de tornar-se membro de sua sociedade.

Brown (2000, p.262) nos diz que “toda cultura e língua usa a linguagem do corpo, ou cinésica, de forma única, mas claramente interpretável”.

4.1 O Contato Visual

O contato visual que mantemos com outra pessoa transmite uma série de mensagens e comportamentos. Este dependerá da freqüência, do tempo e do contexto em que ele ocorre.

Weil & Tompakow (1986, p. 47) afirmam que “a região ocular é de imensa importância expressiva; revela, como todos sabem, a atitude da mente”. Eles também listam uma série de movimentos da sobrancelha e dos olhos que refletem o estado do indivíduo, como por exemplo, sobrancelhas abaixadas (concentração, reflexão e seriedade) ou os olhos brilhantes (entusiasmo e alegria).

Fast (1999, p. 92) considera os olhos a parte mais importante do corpo e acredita que eles são capazes de emitir as nuances mais sutis. O autor também dá grande importância ao “controle por meio do olhar”, referindo-se ao tempo que nos é permitido olhar outra pessoa na nossa sociedade. Podemos olhar fixamente e por um longo tempo uma obra de arte ou um animal no

zoológico, mas não devemos olhar fixamente para um ser humano, a não ser que queiramos iniciar ou manter um tipo de contato mais íntimo.

O autor prossegue afirmando que comunicação que fazemos com outros indivíduos através do olhar não é um elemento novo para os estudiosos da área, pois desde a pré-história o olhar é associado a fortes emoções. Assim podemos dizer que o significado do olhar é universal, no entanto, na maioria das vezes não estamos conscientes de como olhamos o outro indivíduo ou de como somos olhados pelo nosso próximo. Um exemplo clássico em nossa cultura é que demonstramos honestidade à outra pessoa quando olhamos diretamente nos olhos dela. Podemos concluir então que culturas diferentes têm costumes diferentes, e, com certeza, diferentes linguagens corporais.

4.2 As Expressões Faciais

Utilizamos o nosso rosto para expressarmos emoções e o que queremos transmitir. De acordo com Weil & Tompakow (1986), o rosto pode expressar ternura, contentamento, receio e desinteresse, entre outros. Assim podemos dizer que o rosto é canal privilegiado para expressarmos nossas emoções. Ainda de acordo com esses autores, as expressões faciais também são responsáveis pelo envio de sinais referentes à interação em curso e as manifestações que são típicas da personalidade de cada indivíduo.

4.3 A Postura

A postura indica o modo ao qual nos movimentamos, sendo em na sua maioria involuntário, mas que tem um papel importante no processo de comunicação. Em um de seus trabalhos sobre a cinesiologia, Birdwhistell (*apud* Fast, 1999, p.82) tentou mostrar que o gesto é usado para enviar cada mensagem. Uma das coisas relatadas por ele é que todo norte americano mexe a cabeça várias vezes durante uma conversa. Ele filmou várias conversas entre duas pessoas e, quando essas imagens foram reproduzidas para que ele pudesse estudar os elementos da postura, percebeu que um movimento da cabeça quando uma resposta era esperada. Este movimento da

cabeça no final de uma sentença era um sinal para que a outra pessoa pudesse começar a falar.

Para outro estudioso da cinesiologia, Scheflen (*apud* Fast, 1999), a ideia de que os movimentos da cabeça, das mãos e das pálpebras correspondem aos movimentos de postura de uma pessoa está errada. Segundo ele, uma sequência desses movimentos é o que ele chama de “posição”, o que considera um conceito mais parecido com a ideia de postura. Ainda de acordo com Scheflen (*apud* Fast, 1999, p.84), uma posição consiste de uma “mudança postural grosseira envolvendo pelo menos metade do corpo”.

Scheflen (*apud* Fast, 1999, p.85) acredita ainda que todas as posições que o ser humano toma durante uma interação fazem parte do que ele chama de “apresentação”. Durante uma “apresentação”, duas pessoas podem atender um telefone, ir ao banheiro ou comer alguma coisa, possibilitando que esta termine inclusive em um lugar diferente. Uma “apresentação” pode ser interrompida ou até mesmo encerrada de acordo com o movimento que uma das pessoas faz. Scheflen (*apud* Fast, 1999, p. 85) acredita que:

A função da postura na comunicação é marcar essas unidades, pontos, posições e apresentações. Posições diferentes relacionam-se a diferentes estados emocionais, e muitas vezes esses estados podem ser recapturados quando uma pessoa reassume a posição original em que eles ocorreram.

5 A PROXÊMICA

O antropólogo norte-americano Edward T. Hall foi um dos pioneiros no estudo do espaço humano para a comunicação. Foi ele também quem deu o nome proxêmica à ciência do corpo no espaço, ou ainda, o estudo do uso e da percepção do espaço social e pessoal. Segundo ele, existe o que ele chama de “dimensão oculta” cultural que rodeia o nosso corpo. Weil e Tompakow (1986, p. 222) definem este espaço pessoal e social como “a territorialidade regula a densidade das espécies de seres vivos – ou seja, a distância ideal entre seus componentes individuais, para as diversas manifestações da vida em comum”. O uso que fazemos dessa dimensão, ou espaço, nos permite relacionarmos com outras pessoas, sentindo-as como mais próximas ou distantes. Hall (*apud* Fast, 1999, p. 22) também diz que todo homem tem sua necessidade de ter

seu próprio espaço. Assim, durante seus estudos, Hall (*apud* Fast, 1999, p. 22-25) dividiu essas necessidades em quatro diferentes zonas onde mantemos contato com os outros, a saber: a distância íntima, a distância pessoal, a distância social e a distância pública, a seguir explicitada.

- A distância íntima (de 15 a 50 cm) – é a distância que reservamos a um número pequeno de pessoas, essa distância permite um contato direto, corpo a corpo, e nos permite sentir características da outra pessoa, como a temperatura corporal, o odor, a respiração etc. Em nossa cultura ocidental, uma situação de proximidade íntima entre duas mulheres ainda é aceitável. No entanto, em uma cultura árabe, essa aproximação é aceitável entre os homens. Em muitos lugares no Mediterrâneo e na Arábia, os homens andam de mãos dadas.
- A distância pessoal (de 46 cm a 1,20 metros) – essa é a distância de relacionamento entre amigos mais íntimos e casais, pois permite conversar à vontade, podemos imaginar essa distância dentro de uma pequena esfera protetora, refere-se mais ou menos a distância do comprimento do braço. A essa distância não podemos tocar facilmente uma pessoa, mas também não é tão grande o suficiente que não nos permita um grau de discussão.
- A distância social (de 1,20 a 3,60 metros) – essa distância é considerada como limite do poder sobre o outro, ninguém se toca; essa é a distância recomendada e que é útil para se manter contatos de negócios impessoais. Essa é a distância que mantemos com um cliente, que assumimos durante uma transação de negócios. Em escritórios, por exemplo, faz-se necessário manter essa distância social entre a recepcionista e o visitante.
- A distância pública (de 3,60 a 9 metros) – essa distância serve para quando não queremos nos envolver pessoalmente, fica um pouco fora do círculo de referência do indivíduo. Na verdade essa distância está muita relacionada de acordo com a interação de uma pessoa com outra, e não com a medida. É a distância que um professor deve ter do seu aluno em sala de aula, ou de um chefe durante uma reunião com seus operários.

Uma distância acima de 9 metros é a mantida por um candidato durante um comício ou um ator de seus fãs, até mesmo por questões de segurança.

Brown (2000, p.185) nos diz que a *distância social* “se refere à proximidade cognitiva e afetiva de duas culturas que entra em contato com o indivíduo”.

De acordo com Pease (2005, p. 128), essas distâncias mencionadas acima “tendem a diminuir quando se trata da distância entre duas mulheres e a aumentar quando a distância é entre dois homens”.

As distâncias escolhidas pelas pessoas dependem das relações “interindividuais” de cada um, dos sentimentos e atividades das pessoas envolvidas na situação. Vemos assim a necessidade de estarmos atentos a estas situações no contexto de formação, pois a forma que utilizamos o nosso espaço e o dos outros pode transmitir diferentes significados e o modo de relação que pretendemos estabelecer.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente podemos perceber que algumas profissões dão maior ênfase ao discurso não-verbal do homem, como é o caso de atores e dançarinos, que procuram transmitir, através de seus gestos e sua dança, mensagens, idéias e emoções. Nos dias de hoje, podemos citar ainda os políticos que se preocupam muito com seus gestos, expressões faciais, posturas e carisma para convencer o seu eleitor que eles podem fazer o melhor para o seu povo. Outros ainda, como os profissionais da área de *marketing* e recursos humanos de empresas, estão fazendo uso das teorias da comunicação não-verbal para analisar o comportamento dos candidatos e, assim, poder escolher melhor os seus funcionários.

Assim também acontece em um ambiente de sala de aula de língua estrangeira, onde a interação do professor com o aluno será o passo inicial para o sucesso da aprendizagem. O professor de Língua Estrangeira (LE) tem pela frente o desafio de ensinar um segundo idioma, seguindo os padrões gramaticais próprios de cada língua.

E é com base nesse fato que podemos afirmar que o professor tem grande responsabilidade no modo como o aluno se aproxima e internaliza o conhecimento. Surge então a necessidade do professor de LE de estar sempre repensando a sua prática, de estar se atualizando e revendo a linguagem corporal que ele utiliza em sala.

Quando nos referimos à análise paralingüística utilizada pelo professor, estamos fazendo uso da linguagem corporal como um meio para facilitar a interação professor-aluno. Em se tratando de LE, a linguagem corporal do professor pode ajudar o aluno a “traduzir” a mensagem enviada, familiarizando-o com o novo idioma.

Lembrando que as histórias de vida das pessoas ficam registradas em suas mentes e em seus corpos, é natural que o professor associe essa “bagagem” à sua prática de ensino. Percebemos, então, que são essas experiências de vida que contribuem para diferenciar o professor mais rígido, do professor mais tranquilo; o professor mais alegre, do professor mal humorado; o professor chato, do professor interessante; o professor autoritário, do professor anarquista, e assim por diante. E são por alguns desses motivos que, muitas vezes, é fácil entendermos porque um professor não mantém um contato visual com um aluno, pois ele próprio não consegue se ver de fora para dentro.

É nesse contexto que o professor deve estar bem consciente da forma como ele mantém um contato com seu aluno, pois este capta rapidamente a mensagem enviada pelo seu tutor. Um olhar de repreensão ou um gesto negativo a uma resposta errado do aluno, pode inibir a sua produção e participação em sala.

Quando mencionamos a importância da linguagem corporal do professor como facilitador da interação professor-aluno, queremos dizer que se o professor está em sintonia com seu aluno, isso permitirá com que o aluno se aproxime ainda mais do processo de ensino-aprendizagem do segundo idioma. A maneira pela qual o professor envolve o aluno em um ambiente de sala faz com que o mesmo se sinta mais a vontade para perguntar e responder o que lhe é ensinado. Se o professor demonstra comprometimento, atenção e interesse pelo aluno, seja esta mensagem enviada verbalmente ou não, este lhe responderá da mesma forma.

É importante ressaltarmos que o professor não deve estar somente consciente dos seus movimentos corporais, mas também à mensagem que o aluno está lhe enviando através dos sinais que o seu corpo emite. O professor deve também fazer um registro do corpo do aluno, procurando entender essa linguagem para perceber uma dúvida que o aluno possa ter, ou ainda, para poder antecipar alguma resposta a algum questionamento que possa estar por vir.

Tendo em vista os conceitos apresentados ao longo deste trabalho, fica claro que, o professor de LE deve integrar a sua comunicação não-verbal à sua sala de aula. Essa integração não só beneficiará o seu aluno, mas, como consequência, a ele também.

Ao longo deste estudo pudemos perceber que a aplicação dos conceitos estudados é de suma importância para a interação professor/aluno em sala.

No que se concerne à justificativa do tema escolhido, é por este refletir o interesse que nasceu da observação da linguagem corporal de professores dentro de uma sala de aula de ensino da língua inglesa. Com o estudo da linguagem corporal podemos perceber, inclusive, o sucesso do professor como facilitador do processo de ensino/aprendizagem da língua.

Dado a vastidão do tema e das constantes pesquisas sobre a comunicação não-verbal, não pretendemos e nem podemos esgotá-lo aqui. Nossa intenção é, como já foi mencionado, iniciar uma discussão sobre a influência paralingüística no processo de ensino-aprendizagem de LE.

Por fim, acreditamos que uma vez que o professor tenha consciência da importância da comunicação não-verbal que ele tem com seus alunos, haverá uma maior ligação entre eles, o que facilitará o ensino de línguas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Lingüística Aplicada, Ensino de Línguas e Comunicação**. Campinas: Pontes/Arte Língua, 2005.
- ARGYLE, M. **Bodily communication**. London, Methuen, 1978.
- BIRDWHISTELL, R. **Kinesics and contexts: essays on body motion communication**. UPP, 1970.
- BROWN, H.D. **Principles of Language Learning and Teaching**. New York: Addison Wesley, Longman Inc., 2000.
- FAST, J. **A linguagem do corpo**. Trad. de Cristina Rocha. São Paulo, Nobel, 1999.
- KNAPP, M. & HALL, J. **Nonverbal Communication in Human Interaction**. Thomson Wadsworth, Canada, 6th edition, 2006.
- LYONS, J. **Lingua(gem) e Lingüística**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- PEASE, A. **Desvendando os segredos da linguagem corporal**. Tradução: Pedro Jorgensen Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- RECTOR, M.; TRINTA, A. **A Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira**. Vozes, 1985.
- RICHARDS, J.C., PLATT, JOHN, **Longman Dictionary of Language Teaching & Applied Linguistics**. Longman, 1985.
- WEIL, P. & TOMPAKOW, R. **O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. Vozes, 1986.
- WIDDOWSON, H.G. **O Ensino de Línguas Para a Comunicação**. Tradução: José Carlos P. de Almeida Filho. – Campinas, SP: Pontes, 1991.